

TEATRO
NACIONAL
S. JOAO



TEATRO CARLOS ALBERTO
6—16 NOV 2025

qua+qui+sáb 19:00 sex 21:00 dom 16:00

ESTREIA

livremente adaptado
da tradução de
Manuel Resende

assistência de encenação
Cláudia Berkeley

composição
e direção musical
Amélia Muge

apoio técnico-musical
António José Martins

cenografia e figurinos
Catarina Barros

assistência de
cenografia e figurinos
Susana Paixão

desenho de luz
Valter Alves

operação de som
Mariana Guedelha

direção de produção
Patrícia Gonçalves

comunicação
Anaís Proença

design gráfico
Luísa Martelo

fotografia de cena
Paulo Pimenta

vídeo
Eduardo Breda

parceria
Lemon Jelly

parceria
de comunicação
RUM
Gerador

interpretação
Beatriz Wellenkamp Carretas

Carolina Rocha
Eduardo Breda

Flávio Catelli

João Cravo Cardoso

João Melo

João Miguel Mota

Lucília Raimundo

Pedro Couto

Telma Cardoso

produção
Teatro da Didascália

coprodução
Casa das Artes de
Famalicao
Cineteatro Louletano
Teatro Nacional São João

apoio
República Portuguesa /
Direção-Geral das Artes
Município de Vila Nova de
Famalicao

agradecimentos
CLAV
Teatro Experimental do
Porto
Cassandra
Matilha Studio
Carla Gonçalves

direitos de representação
Suhrkamp Verlag GmbH,
Berlin

dur. aprox. 2:30
M/12 anos

Conversa com a Marta
15 nov sáb

Santa Joana dos Matadouros

texto

Bertolt Brecht

dramaturgia e encenação

Bruno Martins

O capital como profissão de fé

BRUNO MARTINS

Depois de uma primeira incursão na obra de Bertolt Brecht, com *A Ascensão de Arturo Ui*, levada à cena neste mesmo palco em 2023, lanço-me agora a *Santa Joana dos Matadouros*, que o autor alemão começou a esboçar em 1929, no contexto da Grande Depressão. Passados quase cem anos sobre os primeiros esboços desta peça, as suas palavras continuam tragicamente atuais na conjuntura social e política contemporânea, do mesmo modo que a personagem Arturo Ui nos volta a assombrar, oitenta anos depois da queda da Alemanha nazi. Brecht escreveu que “o fascismo é a verdadeira face do capitalismo”, e não foi casual a vontade de apresentar estas duas obras nos tempos correntes. Assim como não é coincidência a reaparição de novos movimentos políticos neoliberais que caminham a par da ascensão da extrema-direita.

De facto, é como se estes dois movimentos políticos lavrassem o campo um do outro, e as consequências que brotam deste casamento à direita fazem-se sentir, inevitavelmente, nas camadas sociais mais frágeis. Há, nesta aliança, uma profunda degradação moral que abre caminho a uma política sustentada na mentira ou em perceções infundadas, determinando políticas opressoras e autoritárias. Lembremo-nos do debate securitário que domina a atual narrativa política e cria constrangimentos à integração de imigrantes, hoje o garante, como sabemos, do funcionamento do país. A degradação moral das forças políticas de direita atua no sentido de reprimir estes trabalhadores, fragilizando ainda mais a sua condição laboral precária, com o objetivo de eliminar qualquer hipótese de organização coletiva e, assim, perpetuar a existência de uma força de trabalho barata que garanta a acumulação de lucros das grandes corporações.

Perante a distração com o bode expiatório do “estrangeiro”, a desregulação das leis laborais acontece nos bastidores, o direito a uma habitação digna e acessível vai-se tornando uma miragem, a inflação deixa o prato de sopa meio vazio, enquanto lucros pornográficos se distribuem pelos acionistas. Num contexto assim, que torna a vida da maioria dos cidadãos cada vez mais difícil, como é possível evitar uma rebelião? A Joana trata de tudo.

A nossa Santa Joana organiza e comove as massas, limpa a cidade e a culpa, e no final ainda nos oferece

um *tote bag* para levarmos de recordação – para as compras, e para nunca nos esquecermos da palavra do Senhor, aquele que nos dá o sustento e alimenta a alma. A nossa Joana talvez já não seja santa, apesar de milagrosamente atenuar as maleitas diárias dos corpos explorados pelo trabalho. É bem possível que a sua confissão já nem seja a católica. Talvez tenha até substituído a liturgia por uma ida ao teatro, e tenha então por lá purgado a sua culpa de agente colonizadora, xenófoba, homofóbica, transfóbica. É possível que até nós nos arrependamos perante a sua penitência. E, se porventura voltarmos a pecar no dia seguinte, teremos sempre à mão outro teatro – ou museu.■



O canto do bode expiatório

JORGE LOURAÇO FIGUEIRA*

Joana d'Arc, a virgem martirizada que via anjos e santas, e inspirava os soldados de França nas batalhas contra Inglaterra, tornou-se lenda depois de ser queimada viva, em 1431, por heresia. Canonizada pelo Vaticano, em 1920, inspirou George Bernard Shaw a escrever uma peça, em 1923, e Carl Dreyer a realizar um filme, em 1928. Brecht inspirou-se nesta figura lendária, mas transportou-a para a Chicago das primeiras décadas do século XX, a mesma cidade imaginária de outras peças suas, como *Happy End* e *A Ascensão de Arturo Ui*. O que parece interessar ao autor alemão é não tanto o martírio e mais o fracasso, em qualquer luta, das intenções moralmente elevadas, e neste caso na luta de classes. As boas intenções não só fracassam como são postas ao serviço de quem, com cinismo, as quer fazer fracassar, sejam patrões, sejam capatazes. A Brecht interessaria, entre outras

coisas, o sacrifício da idealista, que serve de bode expiatório aos demais. A nós cabe avaliar se a mártir é inocente ou não, mesmo quando em volta todos agem como se ela fosse culpada. Deitar as culpas em alguém iliba patrões e sindicatos, e facilita os ocios acordos da falsa concertação social. Ficar comovido com os atos de sacrifício e injustiça, e aplaudir de pé o espetáculo que os escancara, iliba também de quaisquer responsabilidades o público liberal e cosmopolita, permitindo-lhe lavar as mãos.

Logo no início de *Santa Joana dos Matadouros*, o patrão Pierpont Mauler, rei do gado, mostra a sua natureza. Primeiro, conta-nos que recebeu a dica, de uns amigos de Nova Iorque, para “abrir mão do comércio das carnes”, visto que o mercado está saturado. Depois, ao sócio que acaba de entrar, oferece a sua parte do negócio, por um bom preço. É forçado a vender a sua quota da indústria conserveira das carnes, diz ele, por não aguentar mais a lembrança de um boi “louro e/ gordo e obtuso olhando para o céu./ que o cutelo ceifou: como se fosse eu”. A compaixão pelo inocente bovino mascara a cautela do experimentado homem de negócios, *inside trader*, jogador do casino da bolsa. A retórica da solidariedade oculta a especulação. Segue-se um sem número de subidas e descidas no número de cabeças de gado disponíveis na praça e de oscilações no preço da carne, greves, despedimentos e locautes. Locautes?

Quase no final da peça, depois de muito se especular, a elegância e sentimentalismo iniciais são desmascarados pelas próprias personagens. Ficar claro que, para os comerciantes de carne, o mercado de animais bovinos é semelhante ao mercado de animais humanos, mais conhecido por mercado de trabalho. Diz Mauler: “Muita gente não percebe que é necessário/ dispensar um terço da mão de obra, pois/ também o mercado de trabalho está saturado e tem de ser limitado.”

Antes disso, na segunda cena de *Santa Joana dos Matadouros*, “O colapso das grandes fábricas de carne”, os patrões fizeram, precisamente, locaute, isto é, fecharam a fábrica, deixando os trabalhadores sem ganha-pão, para depois os forçar a aceitarem piores condições de trabalho. Para se ter uma ideia, é a isso que se refere José Afonso, no concerto *Ao Vivo no Coliseu*, antes de se lançar a “O que faz falta”, quando conta: “Então vamos cantar mais uma... Eu recordo-me que a primeira vez que foi cantada foi há largos anos para os operários



da fábrica da Agulheira. Os patrões tinham feito locaute... Depois ganharam experiência, sobretudo depois do 25 de Abril, e... Já foi há uns largos anos... Chama-se... E faz alusão a situações que não são agora muito comuns, né? Fala da corja que topa da janela, etc.” Quem sabe, hoje em dia, o que é fazer locaute numa fábrica? O vocábulo caiu em desuso, em parte porque deixou de ser necessário: o trabalho é cada vez mais desagregado e isolado, fechado sobre si mesmo. A prática é proibida pela Constituição Portuguesa, no art.º 57.º, que garante o direito à greve. As greves, para quem não o tiver presente, eram proibidas antes da Revolução de 1974. Hoje, não é preciso proibir. Quem se atreve a fazer greve? Que trabalhador teria tempo para isso? Como pôr tudo isto em cena, em 2025, no Porto e no resto do país?

A imagem atual do trabalhador sobrecarregado, mal dormido, mal pago, estafado, que nos dá uma ideia da exploração do trabalho, não é a de um operário, mas a do homem dos sete instrumentos, que faz malabarismo com os trabalhos: lava copos, repõe pacotes nas prateleiras do mercado, carrega cimento para a construção de casas de renda moderada, prepara o alojamento local com cuidado, faz chamadas no *call center*, apanha fruta, e ainda entra em testes de medicamentos, juntando tudo para chegar ao fim do mês. Só falta vender flores na Ribeira ou na Baixa, e cravos na noite de 24 para 25 de abril.

Esta encenação condensou todos esses trabalhos num daqueles sacos de pano que se oferecem aos participantes e convidados nos festivais de música, dança ou teatro, ou nas conferências universitárias, um *tote bag*, ou saco para totós. A imagem atual do trabalhador sobrecarregado talvez seja a de um empregado de mesa, barista, cozinheiro, guia turístico, professor das AEC, que também é músico, bailarino ou ator – ou cenógrafo, ou figurinista, ou iluminador, ou produtor, ou dramaturgo –, e que à noite pisa os palcos dos teatros públicos. Essa é a carne para canhão desta adaptação de *Santa Joana dos Matadouros*, que abre com uma alusão ao multipremiado logótipo oficial do município do Porto. E, como é óbvio, ao novo Matadouro – Centro Cultural do Porto; onde, aliás, João Sousa Cardoso filmou uma versão desta mesma peça de Brecht, feita por atores profissionais e amadores, por outros artistas e por moradores das vizinhanças, desempregados, em 2014 – reflexo da precariedade nacional sob o governo de Passos Coelho.

Não faria sentido fazer esta peça sem que os intervenientes dessem conta da própria situação precária em que se encontram. Nos últimos doze anos, o teatro e a dança deram voz e palco aos desvalidos. Os artistas sacrificaram-se, como Joana Dark faz na peça, para salvar os de baixo. Enquanto isso, ganhar a vida foi ficando cada vez mais difícil. A pregação da justiça e da igualdade, nos palcos, mascara a precariedade na folha de pagamentos. Nenhuma das correntes que se sentem em cena desagua alguma vez na economia. Nada é profanável, uma vez que já tudo foi profanado. Tal como Rui Rio foi eleito a 16 de dezembro de 2001 ainda a Capital Europeia da Cultura não tinha chegado ao fim, Pedro Duarte foi eleito a 12 de outubro de 2025 sem que a bonança de atividades culturais causasse mossa na consciência liberal. Pelo contrário, a proliferação de espetáculos conscienciosos alivia a consciência de quem comanda os equipamentos públicos.

Na “Primeira descida de Joana às profundezas”, Joana Dark vai ver os trabalhadores vítimas do locaute no seu *habitat* natural, o chão de fábrica. Às tantas, um homem diz: “Como vou pagar a minha casinha tão bonita e húmida/ Na qual já somos uma dúzia? Dezassete/ prestações, já as paguei, e agora falta a última.” É abismal a diferença que vai destas 18 prestações para as 360 ou 480 de um crédito a trinta ou quarenta anos; ou para quem nem sonha com um crédito hipotecário à habitação. A servidão à banca contemporânea fica clara. Poderia uma atriz ou ator dizer essa fala sem pensar duas vezes na sua própria condição?▪

* Dramaturgo e professor.

“Nada
deve
valer
por
digno,
senão
o que
mude
este
mundo.”

APOIO



AGRADECIMENTOS TNSJ

Câmara Municipal do Porto
Polícia de Segurança Pública

EDIÇÃO

Teatro Nacional São João

coordenação
Fátima Castro Silva

fotografia
Paulo Pimenta

design gráfico
João Faria/Drop

impressão
Mota & Ferreira, Lda.

Não é permitido filmar, gravar ou fotografar durante o espetáculo. O uso de telemóveis e outros dispositivos eletrónicos é incómodo, tanto para os intérpretes como para os espectadores.



REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA, JUVENTUDE
E DESPORTO

O TNSJ É MEMBRO



TEATRO DA
DIDASCALIA

Com o apoio de:



Fundação "la Caixa"